



DOUTRINA DA SALVAÇÃO



SEMEADOR

NITERÓI, 2004

**Seminário Evangélico para o
Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Supervisão Editorial:
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,
Edição e Impressão:**
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã
Jesus para o Mundo**



Apresentação

Este livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos

reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

Equipe de Redação

Índice

Capítulo 1

Plano da Salvação

7

O papel de Jesus no plano da salvação

Capítulo 2

Aplicação da Salvação

17

Eleição: Condições da salvação e conversão

Capítulo 3

Aplicação da Salvação

33

Justificação e Regeneração

Capítulo 4

Aplicação da Salvação

47

Adoção, Santificação e Certeza da salvação

Bibliografia

62

Resposta dos Exercícios

63

Programa Curricular

64

Doutrina da Salvação



CAPÍTULO 1

O Plano da Salvação

O papel de Jesus no plano da salvação

É um estudo chamado de “SOTERIOLOGIA”. Esta palavra deriva-se de duas palavras gregas, “soteria” e “logos”. A primeira significa “salvação” e a última palavra, discurso ou doutrina. Nesse estudo veremos que Deus previu tudo o que teria lugar na queda do homem e, então, Ele planejou exatamente a salvação necessária, antes mesmo da fundação da terra. Antes do primeiro pecado cometido no universo, antes da terrível crise provocada pelo homem rebelde, que fora feito à imagem de Deus, o Senhor planejou e proveu um meio de fuga das armadilhas e condenação do pecado.

O plano da salvação é tão simples que o menor dentre os filhos dos homens pode entendê-lo o bastante para experimentar o seu poder transformador. Ao mesmo tempo, é tão profundo que nenhuma imperfeição foi descoberta nele. O ponto culminante do plano da salvação se concentra no cargo e função de um mediador – alguém que pudesse colocar-se entre um Deus ofendido e uma criatura pecadora e sem esperança, o homem.

Esta é a posição que Cristo veio preencher quando do seu sacrifício (I Tm. 2:5). Esta é a razão por ter Jesus vindo ao mundo como homem – ser o mediador entre o homem e Deus. A penalidade pelos pecados humanos era a morte. Mas em vista de Deus não poder morrer – o espírito não pode morrer – pois ele precisaria de um corpo, Jesus, o Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo. 1:14).

Leia a seguir as seguintes explicações: *“Portanto, visto como os filhos são participantes comuns de carne e sangue, também ele semelhantemente participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse*

aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos aqueles que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à escravidão. Pois ele, na verdade, não presta auxílio aos anjos, mas sim à descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante aos irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hb. 2:14-17). Tudo isto se tornou possível mediante a morte, sepultamento e ressurreição de Jesus.

No estudo da doutrina da salvação, deve-se começar explicando quem é que necessita de salvação e por quê. A Bíblia, nos ensina que perante Deus, todos os homens levam culpa do seu próprio pecado, sendo assim alienados da sua glória, e, destinados a sofrer as conseqüências da Sua ira. Além disso, a Bíblia explica que o homem por si mesmo, nada pode fazer para merecer a salvação.

A raiz do problema que cada homem enfrenta é a sua própria natureza pecaminosa. Desde que nasce, o homem é inclinado ao pecado, por isso é incapaz de agradecer a Deus (Sl. 51:5; Jr. 17:9; Rm. 7:18). O pecado de Adão introduziu a morte no mundo e implantou no homem uma natureza pecaminosa, colocando toda a criação sob o julgamento de Deus. Entretanto, o homem tem o livre-arbítrio de escolher seguir o exemplo de Adão ou o de Cristo que trouxe a possibilidade de vida para todos. É evidente que cada indivíduo tem que tomar a decisão de aceitar ou rejeitar Cristo, e a vida eterna; e, igualmente tem que tomar a decisão de seguir o pecado e a conseqüente morte espiritual.

Devido à natureza pecaminosa do homem, Deus tem concedido graça comum a todo homem. A graça comum é vista de várias formas: nas bênçãos materiais; na maneira como Deus restringe o mal no mundo; e na fixação da conseqüência do pecado dentro do coração humano (Rm. 2:1-11). Esta “graça comum” não salva automaticamente o homem, mas revela-lhe a bondade de Deus, e restaura a cada ser humano a capacidade de responder favoravelmente ao amor de Deus. Ela concede a cada homem a capacidade de buscar a Cristo. À medida que o homem responde afirmativamente a graça que o atrai a Deus, ele é beneficiado por uma “graça especial”, que o ajuda a chegar cada vez mais perto de Deus. Ao aproximar-se de Deus, o homem recebe mais graça que o encoraja e o incentiva a aceitar a salvação. Enquanto o homem continuar a responder

afirmativamente à graça de Deus, esta será o agente pelo qual ele receberá a justificação, a regeneração, a adoção, a santificação e a segurança de Deus. A graça de Deus é acentuada na vida do crente quando ele decide se posicionar e agir, mediante a situação e circunstância vivida; a cada vez que ele se volta mais para o Seu salvador.

A importância da morte de Jesus

No Antigo Testamento o simbolismo do sacrifício começa com a escolha de um cordeiro. Tinha que ser sem mancha, perfeito para ser utilizado no ritual de sacrifício. Do mesmo modo, o perfeito sacrifício pelo pecado, somente poderia ser feito, por um homem que fosse perfeito. Nos antigos sacrifícios a imolação do cordeiro representava a vida do ofensor. Do mesmo modo, Jesus tornou-se o sacrifício expiatório em favor do homem (Rm. 5:8). Ele suportou por todos o tormento de ambas as mortes (corpo e espírito) e ressuscitou para substituir a sentença de morte com a promessa da vida eterna.

Cinco aspectos da provisão de Jesus

Em época alguma, através de toda a eternidade, qualquer homem, diabo ou anjo, poderá desafiar a perfeita e completa provisão da grande salvação de Deus.

Vamos considerar a morte de Cristo, como ela é revelada em cinco palavras diferentes:

1 - Substituição: Jesus foi nosso substituto ao carregar nossos pecados na cruz. Argumenta-se que é imoral um inocente ser punido pelo culpado. Entretanto, devemos dizer que: (1) Deus não cogita de punir o inocente pelo culpado. Jesus tomou sobre si nosso pecado, a fim de assumir nossa culpa; (2) não é ilegal que um juiz pague ele mesmo a pena imposta. Cristo é verdadeiramente Deus; e teve, portanto, o direito de pagar pela penalidade do nosso pecado; (3) isso só poderia ser considerado imoral se Jesus fosse obrigado a sacrificar-se por nós, mas como Ele tomou voluntariamente essa decisão, não houve qualquer injustiça. (Jo.10:17-18).

2 - Expição: De um modo geral, expiação se refere à provisão completa da salvação feita por Deus pelos os pecadores, mediante o sacrifício de Jesus. Todavia, o termo tem um significado específico na Escritura, ou

seja, “uma cobertura”. No Antigo Testamento, devia ser feita uma expiação pelas transgressões individuais. Quando os anciãos impunham as mãos, os pecados de Israel eram transferidos para o animal e ele era imolado como seu substituto. A expiação fornecia a cobertura da culpa do verdadeiro criminoso e a tornava invisível aos olhos de um Deus santo (Sl. 51:9; Is. 38:17; Mq. 7:19). Como foi dito, a palavra “expiação” pertence ao Antigo Testamento, entretanto, em Cristo temos mais do que uma cobertura para os nossos pecados.

3 – Propiciação: Essa palavra significa adequadamente afastar a ira mediante um sacrifício. Ela indica então a idéia de apaziguar. O paradoxo surpreendente é que o próprio Deus tenha provido os meios de remover sua ira. Também observamos: (1) o amor do Pai que enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (I Jo. 4:10); (2) a razão de Cristo tornar-se um sumo sacerdote misericordioso e fiel foi feito fazer propiciação pelos pecados do povo (Hb.2:17); (3) sua propiciação abrange o mundo inteiro (I Jo. 2:2).

4 – Reconciliação: A necessidade de reconciliação é evidente por causa da inimizade entre Deus e o homem. Através do sacrifício de Jesus, esta condição de inimizade pode ser mudada para outra de paz e comunhão. Foi o próprio Deus quem operou esta reconciliação para nós através de Cristo (Rm. 5:10; Cl. 1:21). Entretanto, não significa que todos os homens estejam bem com Deus. Este processo de reconciliação depende também da posição da parte do homem de se reconciliar com Ele.

5 – Redenção: Significa libertação do cativo, da escravidão ou da morte, pelo pagamento de um preço, chamado de resgate. Assim sendo, o termo tem um sentido duplo: significa tanto o pagamento de um preço como a libertação do cativo. A morte de Jesus na cruz é vista na Escritura como o preço pago por Ele pela libertação do pecador (Mt. 20:28). Segundo o Novo Testamento, temos redenção: (1) da penalidade da lei (Gl. 3:13); (2) da lei propriamente dita (Rm. 7:4; 6:14); (3) do pecado como um poder em nossa vida (Rm. 6:6; Tt. 2:14; I Pe. 1:18-19); (4) de Satanás (II Tm. 2:26; Hb. 2:14-15); (5) e de todos os males (Gl. 1:4; Ef. 1:14; Rm. 8:23).

Por quem Jesus morreu?

1) Pela igreja – Não há dúvida de que Cristo morreu pelos crentes que são membros do seu corpo, a igreja (Ef. 5:25-27; Jo.10:15; 17:9-11).

2) Pelo mundo inteiro – (Is. 53:6; Jo. 1:29; I Tm. 2:6). Se Cristo morreu por todos, por que todos não são salvos? A resposta está no simples fato de que cada um deve crer que Jesus morreu por ele antes de poder participar dos benefícios de sua morte (Jo. 8:24).

3) Pelas crianças – Jesus morreu por todos os homens. Mas existe um pecado especial que Jesus disse que o Espírito Santo condenaria: a incredulidade (Jo. 16:8-9). Este pecado não é possível para uma criança antes que chegue a idade da razão; portanto, a graça salvadora de Jesus Cristo ainda atua a favor dela.

A ressurreição de Jesus

É impossível e inútil tentar determinar o que é mais importante, a Sua morte ou a Sua ressurreição, pois uma sem a outra jamais seria suficiente para a salvação dos homens. A ressurreição de Jesus foi importante porque demonstrou ser Ele o Filho de Deus (Rm. 1:3-4). Ela prova que sua morte teve valor suficiente para Deus a fim de cobrir todos os pecados do homem, pois seu sacrifício foi o sacrifício do Filho de Deus. A ressurreição de Jesus:

- Foi a pedra fundamental sobre a qual se ergueu a igreja.
- Sem ela a nossa pregação é vã. O evangelho perde sua nota de alegria e se transforma em lamento fúnebre. Tornaria-se em evangelho de morte (I Co.15:14).
- Sem ela a fé é vã (I Co. 15:14).
- Os apóstolos seriam testemunhas falsas (I Co.15:15).
- Os crentes continuariam em seus pecados (I Co.15:17).
- Os que morreram pereceriam (I Co.15:18-19).

Não podemos deixar de ficar impressionados, ao ler os primeiros capítulos de Atos, com o lugar proeminente dado pelos apóstolos à verdade da ressurreição de Jesus. Dificilmente uma mensagem era pregada sem mencionar a ressurreição. Atos 4:33 resume todo o início do ministério dos apóstolos: *“E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos havia abundante graça”*.

A ascensão e exaltação de Jesus

Por ascensão nos referimos àquele evento em que Ele partiu desta terra em seu corpo ressurreto e foi visivelmente levado aos céus. Marcos e Lucas são os únicos escritores dos evangelhos que falam disso. Por exaltação nos referimos ao lugar de honra e poder à destra do Pai, dado por Deus ao Filho ressuscitado e que subiu aos céus. Como resultado de sua exaltação:

- Ele é agora nosso Sumo Sacerdote (Hb. 9:24; 4:14);
- Temos a certeza do acesso a Deus (Hb. 4:14-16; I Tm. 2:5);
- Ele é a cabeça da Igreja (Ef.1:22; Cl.1:18);
- O Espírito Santo é derramado sobre os que crêem (Jo. 16:7);
- É concedido dons aos homens e à igreja (I Co.12:8-10; Ef.4:8-13);
- É preparado um lugar para os cristãos no céu (Jo.14:2);
- Ele prometeu que vai voltar (Jo. 14:3).

EXERCÍCIO

Marque C ou E :

1. ____ Jesus foi nosso substituto ao carregar nossos pecados na cruz.
2. ____ A necessidade de reconciliação é evidente por causa da inimizade entre Deus e o homem.
3. ____ Jesus morreu somente pelas crianças.
4. ____ A ressurreição de Jesus foi importante porque demonstrou ser Ele o Filho de Deus.
5. ____ Atos 4:33 resume todo o início do ministério dos apóstolos.
6. ____ O pecado de Adão introduziu a morte no mundo.
7. ____ A graça de Deus é acentuada na vida do crente quando ele decide se posicionar e agir em direção ao Pai.
8. ____ Expição se refere à provisão completa da salvação feita por Deus.

Doutrina da Salvação



CAPÍTULO 2



Aplicação da Salvação

Eleição: condições da salvação e conversão



Senhor Jesus, pela sua morte expiatória, comprou a salvação para os homens. Como Deus a aplica e como é ela recebida pelos homens para que se torne uma verdade? Vejamos abaixo a aplicação da salvação:

- Eleição: condições e conversão
- Justificação
- Regeneração
- Adoção
- Santificação
- Certeza da salvação

Eleição

O que é eleição? É o ato soberano de Deus, pela graça, através do qual Ele escolheu em Cristo Jesus, para salvação, todos aqueles que previu que o aceitariam. É um ato soberano de Deus porque, por ser Deus, Ele não tem de consultar nem pedir a opinião de quem quer que seja e desde que, a Escritura ensina, que a eleição teve lugar “antes da fundação do mundo” (Ef. 1:4) - não havia ninguém a quem Deus pudesse consultar. Todos os homens pecaram e são culpados diante de Deus, portanto, Ele não se achava sob qualquer obrigação de salvar ninguém. A eleição é um

ato de Deus, pela graça, em vista da mesma razão. Toda humanidade pecou e não merece coisa alguma além da condenação. O homem pecador não pode fazer nada por si mesmo, a fim de ser considerado digno de salvação. Assim sendo, qualquer oferta de vida eterna deve ser pela graça. A eleição é “em Cristo Jesus”, porque só Ele poderia prover a justiça de que o homem necessitava. Deus não pode escolher o homem em si, de modo que o escolheu em Cristo. A eleição é sempre tida como sendo de acordo com a presciência de Deus:

“Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou” (Rm. 8:28-30).

“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia, e Bitínia, eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo” (I Pe. 1:1-2).

Devemos distinguir claramente entre a presciência de Deus e a sua predestinação. Não é certo dizer que Deus previu todas as coisas porque arbitrariamente decidiu fazer com que elas ocorressem. Deus, em sua presciência, vê os eventos futuros praticamente como vemos os passados. Existe uma diferença entre o que Deus determina executar e o que Ele simplesmente permite que aconteça. Efésios 1:3-5 torna bem claro que os crentes são escolhidos “em Cristo Jesus”. Ao escolher os que são seus “em Cristo”, Deus não estava olhando para o homem em si, mas como ele é em Cristo; pela sua presciência Deus já os viu ali quando fez a escolha. Os que estão em Cristo são pecadores que creram no sangue redentor de Cristo, através do qual eles foram unidos a Ele, como membros do Seu corpo.

Condições da salvação

Que significa a expressão condições da salvação? Significa o que Deus exige do homem a quem Ele aceita por causa de Cristo e a quem dispensa as bênçãos do Evangelho da graça. As Escrituras apresentam o

arrependimento e a fé como condições da salvação e o batismo nas águas é mencionado como símbolo exterior da fé interior do convertido (Mc. 16:16; At. 22:16; 16:31).

Abandonar o pecado e buscar a Deus são as condições e os preparativos para a salvação. Estritamente falando, não há mérito nem no arrependimento nem na fé, pois tudo quanto é necessário para a salvação já foi providenciado a favor do homem. Mas, pelo arrependimento o homem remove os obstáculos à recepção do dom e pela fé ele aceita o dom da salvação.

Qual a diferença entre o arrependimento e a fé? A fé é o instrumento pelo qual recebemos a salvação. O arrependimento ocupa-se com o pecado e o remorso. A fé ocupa-se com a misericórdia de Deus. A fé e o arrependimento são medidas apenas preparatórias à salvação? Não. Ambos acompanham o crente durante sua vida cristã: o arrependimento torna-se zelo pela purificação da alma e a fé opera pelo amor e continua a receber as coisas de Deus.

A seguir vamos considerar mais alguns aspectos importantes sobre o arrependimento e a fé.

1. Arrependimento

O arrependimento tem relação com o desviar-se do pecado, e infelizmente a “pecaminosidade” do pecado é algo poucas vezes enfatizado em nossos dias. Se a pessoa nasceu de novo duvidamos que não compreenda perfeitamente que a questão do seu pecado já foi tratada pelo Senhor Jesus Cristo. Muitos estão sendo convidados a se aproximarem de Cristo simplesmente com base nas bênçãos a serem recebidas e na alegria a ser experimentada. Jesus Cristo tratou da questão do pecado para nós e é da maior importância que nos afastemos do pecado antes de crermos nEle como nosso salvador.

O significado original de “arrependimento” é uma mudança de opinião ou propósito. É uma mudança sincera e completa de opinião e disposição com respeito ao pecado. Alguém definiu o arrependimento das seguintes maneiras: *“É a verdadeira tristeza sobre o pecado, incluindo um esforço sincero para abandoná-lo; é a convicção da culpa produzida pelo Espírito Santo ao aplicar a lei divina ao coração”*. Podemos dizer, então, que

o arrependimento envolve três elementos: o intelectual, o emocional e o voluntário.

a) O elemento intelectual. Envolve uma mudança de ponto de vista. É uma mudança de ponto de vista com relação ao pecado, a Deus e ao “eu”. O pecado vem a ser reconhecido não apenas como uma fraqueza, um relacionamento infeliz, ou um erro, mas uma culpa pessoal. *“Pois eu conheço as minhas transgressões e o meu pecado está sempre diante de mim”* (Sl. 51:3). *“Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado”* (Rm. 3:20). Além disso, o pecado é reconhecido como uma transgressão contra Deus. O pecado é também reconhecido em sua relação com o nosso “eu”. Ele não só é considerado como culpa diante de Deus, mas também como algo que contamina e corrompe o “eu”. Este elemento intelectual do arrependimento é muito importante, mas, se não for seguido pelos dois elementos seguintes, só poderá trazer medo do castigo sem um ódio real do pecado.

b) O elemento emocional. O arrependimento tem sido muitas vezes definido como “uma tristeza pelo pecado”. Ao escrever sua segunda carta aos coríntios, Paulo disse: *“Agora me alegro, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados segundo Deus, para que de nossa parte nenhum dano sofrêsseis. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte”* (II Co. 7:9-10). Não existem meios de medirmos quanta emoção é necessária no arrependimento sincero, mas existe com certeza um despertar real do coração quando o indivíduo é levado a enfrentar seu terrível pecado. As lágrimas quase sempre acompanham um coração arrependido. Todavia, é preciso diferenciar entre a verdadeira tristeza pelo pecado cometido e o simples sentimento de vergonha por causa dele. Existe uma vasta diferença entre o remorso e o arrependimento. A pessoa pode ficar simplesmente triste por ter sido apanhada no ato de pecar, não estando verdadeiramente arrependida por causa de seu pecado. Isto seria o simples remorso. A tristeza pelo pecado deve ser seguida pelo elemento voluntário.

c) O elemento voluntário. Nesse elemento é preciso que a vontade seja exercitada para que o arrependimento seja verdadeiramente eficaz. Isto significa um afastamento interior do pecado e uma entrega completa a Cristo para obter perdão. Uma das palavras usadas para arrependimen-

to” significa “voltar”. Isto é ilustrado na história do filho pródigo que disse: *“Levantar-me-ei e irei ter com meu pai... E levantando-se, foi para seu pai”* (Lc. 15:18-20). Quando o arrependimento toca a vontade, ele resultará em:

-Confissão do pecado – *“Confesso a minha iniquidade: suporto tristeza por causa do meu pecado”* (Sl. 38:18). *“Pequei contra o céu”* (Lc. 15:21).

-Abandono do pecado – *“O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia”* (Pv. 28:13). *“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos...”* (Is. 55:7).

-Volta para Deus – *“Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo os seus pensamentos; converta-se ao Senhor...”* (Is. 55:7). Não devemos apenas abandonar o pecado, mas voltar-nos para Deus (I Ts. 1:9; At. 26:18).

Outro aspecto importante sobre o arrependimento é que jamais deve ser tido como meritório – uma “obra” a ser feita para que Deus possa conceder a salvação. Não somos salvos para nos arrependermos, mas *se* no arrependermos. Uma outra versão de dicionário traduz a palavra “arrependimento” como “fazer penitência”. Assim sendo, a igreja católica romana considera o arrependimento *como uma satisfação que o pecador apresenta a Deus*. Esta é uma tradução falsa e descreve o pecador como capaz de fazer algo para a sua salvação, em lugar de compreender sua incapacidade e perceber que a sua salvação é inteiramente provida por Deus através de sua maravilhosa graça.

A importância do arrependimento é enfatizada pelo lugar de destaque dado a esse assunto nas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento, assim como, no ministério de Jesus e dos primeiros pregadores do Evangelho. O arrependimento é importante porque honra a lei. Mas, como, honra? Contristado, o homem lamenta ter-se afastado do santo mandamento, como também lamenta sua impureza pessoal, que, à luz dessa lei, ele compreende. Confessando ele admite a justiça da sentença divina.

A importância do arrependimento no Antigo Testamento focaliza o lugar que o arrependimento deveria ter na relação entre Israel e Deus. *“Se deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, guardando os seus mandamentos e os seus estatutos, escritos neste livro da lei, se te converteres ao Senhor*

teu Deus de todo o teu coração e de toda tua alma” (Dt 30:10). (Veja ainda os textos: Jr. 8:6; II Rs.17:13; Ez.14:6; 18:30; II Cr. 7:14). No Novo Testamento, observamos:

1. João Batista, que veio como precursor de Jesus, a fim de preparar o coração do povo de Israel para a chegada do Messias. O preparo exigido era o arrependimento, e continua assim para o coração de cada pecador (Mt. 3:1-2);

2. Jesus. O arrependimento ocupou um lugar importante na Sua pregação. *“Daí por diante passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”* (Mt. 4:17). *“Não vim chamar justos, e, sim, pecadores [ao arrependimento]”* (Mt. 9:13);

3. Os dozes discípulos pregaram arrependimento. *“Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse”* (Mc. 6:12);

4. A grande comissão. *“E que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém”* (Lc. 24:47);

5. Pedro pregou o arrependimento. *“Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado”* (At. 2:38). (Veja também At. 3:19;5:31; 8:22; 11:18);

6. Paulo também pregou o arrependimento. *“Testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo”* (At. 20:21). (Veja também: At. 26:20; II Cr. 12:21; II Tm. 2:25).

A vontade de Deus é que todos os homens se arrependam. *“O Senhor é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”* (II Pe. 3:9). O Senhor ordena que todos se arrependam (At.17:30), que a desobediência resultará na morte eterna (Lc. 13:3) e que com o arrependimento de pecadores na terra é provocada uma grande alegria no céu (Lc. 15:7,10).

Mas, qual a maneira como se produz o arrependimento? Jesus ensinou que os milagres, por si mesmos, não produzirão arrependimento (Mt. 11:20,21). Ensinou que nem mesmo a volta de alguém dentre os mortos iria, por si mesma, produzir arrependimento (Lc 16:30-31). O arrependimento é um dom de Deus: *“Logo também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para a vida”* (At 11:18); *“Disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda*

não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade” (II Tm. 2:25). O arrependimento não é uma coisa que a pessoa possa produzir por si mesma. Se alguém sente necessidade de arrepender-se do seu pecado e aproximar-se do Senhor, deve fazer isso sem demora. Pois, pode chegar a hora em que deseje fazê-lo, mas não possa! (Hb. 12:16-17).

O arrependimento é produzido mediante meios divinamente ordenados:

- Em relação aos não salvos: (a) Através da fé na Palavra de Deus – *“os ninivitas creram em Deus; e proclamaram um jejum, e vestiram-se de panos de saco, desde o maior até o menor. Chegou esta notícia ao rei de Nínive; ele levantou-se do trono, tirou de si as vestes reais, cobriu-se de pano de saco, e assentou-se sobre cinza” (Jn. 3:5-6); (b) Através da pregação do evangelho – *“Ninivitas se levantaram no juízo com esta geração, e a condenação; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas” (Mt. 12:41); (c) Através da bondade de Deus – *“Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?” (Rm. 2:4).***

- Em relação ao cristão: (a) Através da censura e correção de Deus – A correção de Deus leva ao arrependimento: *“Eu repreendo a quantos amo. Sê, pois, zeloso, e arrepende-te” (Ap. 3:19); (b) Através de uma nova visão de Deus – *“Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te vêem. Por isso me abomino, e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:5-6); (c) Através da censura bondosa de um irmão – *“Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feitos cativos por ele, para cumprirem a sua vontade” (II Tm. 2:24-26).***

Uma última palavra deve ser dita com respeito aos resultados do arrependimento. Levará definitivamente a confissão do pecado – *“O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lc. 18:13); e além disso, a uma atitude sincera que levará o indivíduo a restituir o que quer que tenha tomado indevidamente, na medida do*

possível. Isso, porém, não constitui o arrependimento, sendo, na verdade, **fruto** do arrependimento. *“Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”* (Lc. 19:8).

2- Fé

O segundo elemento essencial, necessário para receber a salvação, juntamente com o arrependimento, é a fé. Não se sabe ao certo qual deles tem precedência. É duvidoso que a pessoa possa realmente arrepender-se a não ser que tenha fé; e é questionável se alguém pode verdadeiramente crer para a salvação sem arrepender-se sinceramente do pecado. É provavelmente impossível enfatizar demasiado a importância da fé na vida cristã. A fé é o único caminho de acesso a Deus. *“É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam”* (Hb. 11:6). Sem fé não é possível agradar a Deus (Hb. 11:6). Tudo o que o crente recebe de Deus é recebido pela fé.

a) Salvação através da fé. *“Pela graça sois salvos, mediante a fé”* (Ef 2:8). *“Justificados, pois mediante a fé, tenhamos paz com Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”* (Rm 5: 1). *“Nós, porém, não somos dos que retrocedem para a perdição; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma”* (Hb. 10:39).

b) A plenitude do Espírito Santo mediante a fé. *“A fim de que recebêssemos pela fé o Espírito prometido”* (Gl 3:14).

c) Santificação pela fé. *“E não estabeleceu distinção alguma entre nós e eles, purificando-lhes pela fé os corações”* (At. 15:9).

d) Segurança pela fé. *“Sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé”* (I Pe. 1:5).

e) Paz perfeita pela fé. *“Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti”* (Is. 26:3)

f) Cura mediante a fé. *“E a oração da fé salvará o enfermo e o Senhor o levantará”* (Tg. 5:15).

g) Vitória sobre os adversários pela fé. Os principais adversários do cristão podem ser resumidos como: o mundo, a carne e o diabo.

h) O mundo vencido pela fé. *“Esta é a vitória que vence o*

mundo, a nossa fé” (I Jo 5:4)

i) A carne vencida pela fé. “Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (Rm. 6:11).

j) O diabo vencido pela fé. “*Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo...embraceando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar os dardos inflamados do maligno*” (Ef. 6:11,16).

k) A vida cristã inteira vivida através da fé. “*Esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim*” (Gl. 2:20).

Muitos eruditos bíblicos crêem que a Bíblia não dá uma definição real da fé. Todos concordam, porém, que Hebreus 11:1 é provavelmente a passagem que mais se aproxima dessa definição: “*Ora, a fé é o firme fundamento das cousas que se esperam, e a prova de coisas que se não vêem*”. O valor deste versículo como uma definição de fé é mais evidente quando examinamos de perto o uso das palavras. A fé é dita como sendo o firme fundamento. “Fundamento”, refere-se àquela relação de aliança de amor mútuo entre o Senhor e o crente, a qual é a base da nossa esperança. A fé é mais que uma simples esperança, ela é o fundamento, termo que no terreno legal era traduzido como “direito de posse”. Aquele que crê divinamente, em cujo coração o amor significa persuasão, tem o “direito de posse” à plena provisão de Deus.

A fé é uma convicção quando se aplica ao que é invisível. As realidades do reino de Deus são por natureza realidades invisíveis, isto é, invisíveis ao olhar natural. A fé é aquela faculdade pela qual as realidades espirituais são percebidas como sendo reais, e capazes de serem realizadas. Para o cristão a fé é “evidência” real. Ele não necessita de qualquer outra evidência a fim de proceder de acordo com a vontade revelada de Deus. No grego clássico, a palavra para evidência é muitas vezes traduzida como “prova”. A fé é um “fundamento” e uma “prova”.

A fé, como o arrependimento, possui três elementos: o intelectual, o emocional e o volitivo ou voluntário.

(a) O elemento intelectual. A fé deve ser baseada no conhecimento. Ninguém pode acreditar em algo que não conhece. Não se pode crer numa pessoa desconhecida para nós. É impossível crer em alguma coisa sem evi-

dência. A fé necessária para a salvação se baseia na melhor das evidências, a Bíblia, como a Palavra de Deus. *“E assim, a fé vem pela pregação e a pregação pela palavra de Cristo”* (Rm.10:17). Precisamos conhecer o evangelho para crermos em Cristo como nosso salvador.

(b) O elemento emocional. Este elemento é algumas vezes visto na alegria que acompanha o primeiro contato com a bondade de Deus, ao prover as nossas necessidades. Ele é ilustrado pela experiência de Israel, como descrito no Salmo 106:12: *“Então creram nas suas palavras e lhe cantaram louvor”*. Infelizmente a emoção da alegria logo passou, pois nos v.v 24 e 25 lemos: *“E não deram crédito a sua palavra; antes, murmuravam em suas tendas, e não acudiram à voz do Senhor”*. Jesus descreveu essas pessoas: *“Semelhantemente são estes os semeados em solo rochoso, os quais, ouvindo a palavra, logo a receberam com alegria. Mas eles não têm raiz em si mesmos, sendo antes de pouca duração; em lhes chegando a angústia ou perseguição por causa da palavra, logo se escandalizavam”* (Mc. 4:16-17). Podemos definir o elemento emocional da fé como o despertar da alma para as suas necessidades pessoais e para a aplicação pessoal da redenção provida em Cristo, juntamente com uma concordância imediata com essas verdades.

(c) O elemento voluntário. O conhecimento não basta por si mesmo. O indivíduo pode ter o conhecimento de que Cristo é divino e, todavia, rejeitá-lo como salvador. O conhecimento afirma a realidade dessas coisas, mas não as aceita nem rejeita. A aquiescência (ceder voluntariamente) também não é suficiente. Existe uma aquiescência mental que não abrange a rendição do coração, e é *com o coração que se crê para a justiça* (Rm. 10:10). A verdadeira fé fica na esfera da vontade. Ela se apropria. Ela conquista. A fé contém a idéia de ação. É a alma saltando para abraçar a promessa. Assim sendo, esta fase da fé abrange dois elementos: (1) render o coração a Deus e (2) apropriar-se de Cristo como salvador. Provérbios 23:26 ilustra esta última condição: *“Dá-me, filho meu, o teu coração”*. A apropriação de Cristo como salvador significa receber plenamente tudo o que Ele fez no Calvário para a redenção da sua alma: *“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome”* (Jo 1:12).

A fé se baseia no que Deus fez e no que Ele prometeu, e não em nada que pertença ao homem. Fé é simplesmente crer na Palavra de Deus. Ela se baseia inteiramente na obra acabada de Cristo como revelada na Escritura.

Nada produzirá mais fé do que ler e estudar a Bíblia, a Palavra de Deus, familiarizando-se assim com o que Deus prometeu. Ter fé é simplesmente crer no que Deus disse. É aceitar a sua Palavra.

QUE É ENTÃO A FÉ QUE SALVA?

Significa que o crente deve ter uma comunhão constante com Ele. Esta comunhão é sustentada em primeiro lugar por uma fé inabalável. Em segundo lugar, deve rejubilar-se na graça salvadora de Jesus Cristo e compreender que é uma pessoa remida, justificada, co-herdeira com Cristo, etc... Em terceiro, deve perseverar em ações de graça, louvor, oração e união com o Senhor. Em quarto, deve render-se ao Espírito Santo, obedecer aos mandamentos e andar segundo a Sua vontade.

Conversão

Conversão, segundo a definição mais simples, é abandonar o pecado e aproximar-se de Deus (At. 3:19). O termo é usado para exprimir tanto o período crítico em que o pecador volta para os caminhos da justiça como também para expressar o arrependimento de alguma transgressão por parte de quem já se encontra nos caminhos da justiça (Mt. 18:3; Lc. 22:32; Tg. 5:20). A conversão está muito relacionada com o arrependimento e a fé, e, ocasionalmente, representa tanto um como o outro ou ambos, no sentido de englobar todas as atividades pelas quais o homem abandona o pecado e se aproxima de Deus.

Com se distingue conversão de salvação? A conversão descreve o lado humano da salvação. Por exemplo: observa-se que um pecador, bêbado notório, não bebe mais, não joga, nem freqüenta lugares suspeitos; ele odeia as coisas que antes amava e ama as coisas que outrora odiava. Seus amigos dizem: “Ele está convertido; mudou de vida”. Essas pessoas estão descrevendo o que aparece, isto é, o lado humano do fato. Mas, do lado divino, diríamos que Deus perdoou o pecado e deu um novo coração a esse homem.

Mas isso significa que a conversão seja inteiramente uma questão de esforço humano? Como a fé e o arrependimento estão inclusos na conversão, a conversão é uma atividade humana; mas ao mesmo tempo é um efeito sobrenatural sendo ela a *reação* por parte do homem ante o poder atrativo da graça de Deus e da sua palavra. Portanto, a conversão é o

resultado da cooperação das atividades divinas e humanas. *“De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”*. (Fl.2:12-13). As seguintes passagens referem-se ao lado divino da conversão: Jr. 31:18; At. 3:26. E estas outras ao lado humano: At. 3:19; 11:18; Ez. 33:11. Leia cada uma delas.

EXERCÍCIO

Marque C ou E :

1. ____ A aplicação da salvação envolve: eleição, justificação, regeneração, adoção, santificação e certeza.
2. ____ Eleição é o ato soberano de Deus, através da graça, para a salvação de todos os que O aceitam.
3. ____ Abandonar o pecado e buscar a Deus são as condições da salvação.
4. ____ O arrependimento e a fé envolvem, o elemento: emocional, intelectual e voluntário.
5. ____ A vontade de Deus é que todos os homens se arrependam.
6. ____ O segundo elemento essencial para receber a salvação é a força de vontade.
7. ____ A fé se baseia no que Deus fez e no que Ele prometeu.
8. ____ Converter-se é abandonar o pecado e voltar-se totalmente para Deus.

Doutrina da Salvação



CAPÍTULO 3



Aplicação da Salvação
Continuação

Justificação e Regeneração

A regeneração e a justificação são doutrinas intimamente relacionadas. A regeneração está ligada ao que acontece no coração do crente. A justificação refere-se à posição dele diante de Deus. A regeneração diz respeito à doação da vida; a justificação, ao homem ser declarado justo aos olhos de Deus. A regeneração é a resposta divina ao problema da morte espiritual; a justificação é a resposta divina ao problema da culpa.

Vejamos a seguir mais alguns conceitos separadamente sobre justificação e regeneração.

Justificação

A justificação pela fé é a verdade fundamental da provisão de Deus para a salvação dos pecadores. A palavra “justificar” é termo judicial que significa absolver, declarar justo, ou pronunciar sentença de aceitação. O réu está perante Deus, o justo Juiz; mas, ao invés de receber sentença condenatória, ele recebe a sentença de absolvição. O substantivo “justificação” ou “justiça”, significa o estado de aceitação para o qual se entra pela fé. Essa aceitação é dom gratuito da parte de Deus, posto à disposição pela fé em Cristo.

A justificação tem sido definida como o ato de Deus pelo qual Ele declara justo aquele que crê em Cristo. Justificação é mais que perdão de pecados é a remoção da culpa e condenação. A justificação inclui a liberta-

ção do crente em relação à ira divina e também sua aceitação como justo aos olhos de Deus. Ao justificar o pecador, Deus o coloca na posição de um justo. É como se ele nunca tivesse pecado.

Todos os homens necessitam da justificação de Deus, porque toda a raça humana pecou. Os gentios estão sob condenação. Os passos de sua degradação foram claros: primeiro, porque outrora conheceram a Deus (Rm. 1:19-20); segundo, porque falharam em O servirem e adorarem-seus corações insensatos se obscurecem (Rm. 1:21-22); e, em terceiro, a cegueira espiritual os conduziram à idolatria (Rm. 1:24-31). São indisculpáveis porque tinham a revelação de Deus na natureza, e a consciência que aprova ou desaprova seus atos (Rm. 1: 9-20; 2:14-15). O judeu também está sob condenação. É verdade que ele pertence a nação escolhida, e conhece a lei de Moisés mas transgrediu essa lei em pensamentos, atos e palavras (Rm.2). Paulo assim encerra a raça humana sob condenação: *“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que se cale toda boca e todo o mundo fique sujeito ao juízo de Deus; porquanto pelas obras da lei nenhum homem será justificado diante dele; pois o que vem pela lei é o pleno conhecimento do pecado”* (Rm.3:19, 20).

A justificação envolve:

a) Perdão e remissão de pecados (At:13:38-39;Ef:7; Cl:2:13). Em vista dos pecados do crente serem totalmente perdoados, segue-se que a culpa e o castigo desses pecados são também removidos;

b) Restauração do favor de Deus. O pecador não incorreu simplesmente numa penalidade, mas perdeu também o favor de Deus estando assim sujeito à sua ira (Jo 3:36;Rm 1:18). Através da justificação tudo isto mudou. *“Logo mais agora, sendo justificados pelo sangue seremos por ele salvos da ira”*(Rm. 5:9);

c) Imputação da justiça de Cristo. O pecador não deve ser apenas perdoado de seus pecados passados, mas também provido de uma justiça positiva antes de poder entrar em comunhão com Deus. Esta necessidade é suprida na imputação da justiça de Cristo ao cristão. E, é assim também, que Paulo declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independente de obras: *“Bem-aventurados aqueles cujas iniqüidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o*

homem a quem o Senhor jamais imputara pecado” (Rm. 4:6-8).

O QUE É IMPUTAR ?

É elevar à conta de alguém as conseqüências do ato de outrem. É o ato pelo qual Deus credita essa justiça à nossa conta. As conseqüências do pecado do homem foram levadas à conta de Cristo, e as conseqüências da obediência de Cristo foram levadas à conta do crente. Deus torna-se “o Senhor justiça nossa” (Jr:23:6). Por causa de Jesus, Deus trata o homem como culpado, mas quando este se arrepende e crê, trata-o como se fosse justo.

Toda comunhão com um Deus santo deve ser na base da justiça. Nos primeiros dois capítulos e meio da epístola aos Romanos, Paulo trata de todas as classes sociais e mostra que não possuem justiça própria. Ele resume sua análise com as palavras: “*Ora ,sabemos que tudo o que a lei diz aos que viveram na lei o diz ,para que se cale toda boca ,e todo o mundo seja culpável perante Deus ,visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei ,em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado*” (Rm 3:19,20). Este é um quadro sombrio, sem esperanças! Mas não é o fim da história. Paulo continua: “*Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, para todos e sobre todos que crêem*” (Rm:3:21-22).

A justiça é absolutamente necessária para a comunicação com Deus, mas homem algum possui justiça própria. Portanto, Deus imputa ao crente a justiça de Jesus Cristo. Muitas vezes ouvimos Romanos 1:16 citado nos testemunhos: “*Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê*”. Mas o testemunho geralmente para nesse ponto. Então, por que o evangelho é o poder de Deus para a salvação? O v.17 supre a resposta: “*Visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé*”. A justiça de Cristo é provida, através do evangelho, àqueles que creram nEle. Se Deus justificasse somente pessoas boas, não haveria então evangelho para o pecador. Mas, graças a Deus que justifica os ímpios. A justiça recebida pelo pecador é nada menos que a justiça de Cristo atribuída a ele. Imputar significa “colocar na conta de”.

É importante compreendermos o método pelo qual Deus justifica o

pecador. A justiça é a base de nossa posição diante de Deus. Não se trata de algo que pode ser simplesmente considerado como certo. Deus não pode passar por cima do pecado devido à bondade do seu coração. Ele precisa preservar sua santidade e justiça. Ele deve ser *“Justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus”* (Rm. 3:26).

Por isso a justificação:

a) Independe de boas obras. Se há uma verdade que o Novo Testamento deixa clara é que homem algum é justificado com base em sua própria retidão – suas boas obras. (Rm. 4:2-5; 11:5-6);

b) Independe do empenho em cumprir a lei (Rm. 3:19,20,23; Gl. 2:16). Em teoria, seria possível ser salvo cumprindo a lei, se alguém pudesse observá-la completamente. Mas todos quebramos a lei de Deus no passado e somos incapazes de cumpri-la perfeitamente no futuro. A lei serve para fazer os homens compreenderem que são pecadores. *“Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado”* (Rm. 3:20). A lei é como um despertador que tem a capacidade de acordar-nos, mas não consegue tirar-nos da cama. É triste ver aqueles que estão dependendo de suas boas obras ou sacrifício, na esperança de encontrar perdão dos pecados e paz com Deus.

Para que não haja qualquer mal-entendido a respeito dos ensinamentos de Paulo e Tiago, e possa ser assim imaginada uma contradição, note o seguinte: *“Concluimos, pois”,* diz Paulo, *“que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei”* (Rm. 3:28). *“Verificais”,* diz Tiago, *“que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente”* (Tg. 2:24). Não pode haver contradição entre esses dois homens porque ambos foram inspirados pelo mesmo Espírito Santo. Eles estão escrevendo sobre dois aspectos diferentes do mesmo assunto. Paulo nos diz que a salvação é pela fé somente e não pelas obras; enquanto Tiago insiste em que a fé sincera irá resultar em boas obras. Efésios 2:8-10 fala de ambos os aspectos: *“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”*. Assim sendo, a fé que salva sem obras produzirá boas obras. A fé é invisível. Ela só pode ser julgada por aquilo que o homem faz. Tiago diz, portanto:

“Mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé” (Tg. 2:18). A fé possuída por Abraão, lhe foi imputada por justiça (Tg. 2:23), manifestou-se *“quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque”* (Tg. 2:21). O ato externo demonstrou claramente a fé interior;

c) É dom da graça de Deus. A justiça não pode ser obtida através de esforço próprio, nem por mérito próprio. Ela só é recebida através da graça de Deus (Rm. 3:24; Tg.3:7).

O QUE É GRAÇA?

A palavra “graça” (do grego *charis*, da qual obtivemos o nosso “carismático”) significava originalmente “beleza” ou “comportamento apreciado”. Ela foi mais tarde usada para indicar qualquer favor concedido a outrem, especialmente quando quem o recebia não o merecia. Os escritores bíblicos tomaram de empréstimo esta palavra, e, sob a orientação de Deus, a revestiram de um novo significado. De modo que no Novo Testamento ela em geral indicava o perdão de pecados concedido inteiramente pela bondade de Deus, em separado de qualquer mérito e demérito positivo. Sendo assim, a graça não é apenas algo expresso por Deus. É uma expressão do que Ele é. A graça é a atitude por parte de Deus que tem origem nEle mesmo, não sendo absolutamente condicionada por qualquer coisa nos objetos do seu favor”.

d) É feita através do sacrifício substitutivo de Jesus Cristo. Deus não pode perdoar nossos pecados apenas por ser gracioso. Como um Deus de justiça, Ele não pode simplesmente ignorar nosso pecado. Seu perdão baseia-se nos termos estritos da justiça. A pena pelos nossos pecados foi paga – paga pelo próprio Senhor Jesus Cristo. Os pecados do crente são imputados a Cristo. (II Pe. 2:24; II Co. 5:21). Deus pode perdoar pecados porque a lei foi preservada e o castigo pela sua transgressão, pago. Cristo não pagou somente a pena por nosso pecado, mas a sua perfeita obediência à lei supriu a justiça que Deus pôde imputar à nossa conta (Rm. 5:19). Temos assim a surpreendente situação em que Cristo toma sobre si nosso pecado, enquanto sua justiça nos é concedida. Que troca incrível! Todavia, é exatamente isso que Deus oferece aos que crêem.

e) É somente através da fé (Rm. 5:1; 10:10; Gl. 2:16). Quando declaramos que somos justificados pela fé, devemos compreender que a fé

não é algo que oferecemos meritoriamente a Deus pela nossa salvação. Ela é apenas o meio pelo qual recebemos sua provisão graciosa. Podemos dizer sobre a fé, como dissemos sobre o arrependimento, dizendo: “Não somos salvos por nossa fé, mas através da nossa fé”. Dois outros fatos devemos ter em mente: primeiro, a ressurreição de Cristo é a garantia da nossa justificação (Rm 4:25). O fato de Deus ter levantado Jesus dentre os mortos é um testemunho de que se satisfaz com o sacrifício feito por Ele, e que nossos pecados, que tomou sobre si, desapareceram. Ela é o selo de aprovação do Pai sobre a morte expiatória de Cristo. Segundo, a justiça é completa. Não há graus na justificação. A criança em Jesus Cristo se encontra na mesma justificação que o crente de cinquenta anos. Não existe progresso na justificação.

A doutrina da justificação pela graça de Deus, mediante a fé do homem, remove dois perigos: primeiro, o orgulho de auto justiça e de auto-esforço; segundo, o medo de que a pessoa seja fraca demais para conseguir a salvação. Se a fé em si não é meritória, representando apenas a mão que se estende para receber a livre graça de Deus, que é então que lhe dá poder, e que garantia oferece ela à pessoa que recebeu esse dom gratuito, de que viverá uma vida de justiça? Importante e poderosa é a fé porque ela une a alma a Cristo, e é justamente nessa união que se descobre o motivo e o poder para a vida de justiça. Pela fé, Jesus mora no coração (Ef. 3:17). A fé opera pelo amor (I Te. 1:3), isto é, representa um princípio enérgico, bem como uma atitude receptiva. A fé, por conseguinte, é poderoso motivo para a obediência e para todas as boas obras. A fé envolve a vontade e está ligada a todas as boas escolhas e ações, pois tudo que não é de fé é pecado (Rm. 14:23). A fé inclui a escolha e a busca da verdade (II Ts. 2:12) e implica sujeição à justiça de Deus (Rm. 10:3).

Regeneração

É da maior importância que compreendemos plenamente o que as palavras de Jesus a Nicodemos significam na íntegra: “*Em verdade, em verdade, te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus*” (Jo. 3:3). A história da igreja mostra claramente a tendência das organizações religiosas, uma vez diminuído o reavivamento inicial,

para considerar a conversão como um ato cerimonial da igreja, ou um ato voluntário da vontade humana, ao invés de um ato sobrenatural do Espírito Santo. Talvez seja bom compreender que a expressão “de novo” na passagem antes mencionada geralmente significa “do alto”, de modo que muitos preferem traduzir as palavras “se o homem não nascer do alto, não pode ver o reino de Deus”.

O Novo Testamento assim descreve a regeneração:

(1) Um nascimento: Deus o Pai é quem “gerou”, e o crente é “nascido” de Deus (I Jo. 5:1), “nascido do Espírito” (Jo. 3:8), “nascido do alto” (Jo. 3:3,7). Esses termos referem-se ao ato da graça criadora que faz o crente um filho de Deus. *“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus... os quais nasceram... de Deus”* (Jo. 1:12-13).

(2) Uma purificação: Deus nos salvou pela “lavagem” da regeneração. A alma foi lavada completamente das imundícias da vida de outrora, recebendo a novidade de vida, experiência simbolicamente expressa no ato do batismo (At. 22:16). *“Mas segundo sua misericórdia, Ele nos salvou mediante o lavar regenerador”* (Tt. 3:5).

(3) Uma vivificação: Somos salvos não somente pela “lavagem da regeneração”, mas também pela “renovação do Espírito Santo” (Tt. 3:5). A essência da regeneração é uma nova vida concedida por Deus Pai, mediante Jesus Cristo e pela operação do Espírito Santo. (Veja também Cl. 3:10; Rm. 12:2; Ef. 4:23; Sl. 51:10).

(4) Uma criação: Aquele que criou o homem no princípio e soprou em suas narinas o fôlego da vida, o recria pela operação do seu Espírito Santo. O resultado prático é uma transformação radical da pessoa em sua natureza, seu caráter, desejos e propósitos. *“E assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”* (II Co. 5:17). (Veja também: Ef. 2:10; 4:24; Gl. 6:15).

(5) Uma ressurreição: Como Deus vivificou o barro inanimado e o fez vivo para com o mundo físico, assim Ele vivifica a alma em seus pecados e a faz viva para a realidade do mundo espiritual. Podemos ainda dizer que ao descrever o novo nascimento como uma ressurreição, devemos compreender que ele é precedido pela morte. Os crentes foram crucificados com Cristo e também ressuscitados com Ele. Ambas essas verdades se tornam uma realidade espiritual através da identificação com Cristo em sua

morte, sepultamento e ressurreição. Esse ato de ressurreição espiritual é simbolizado pelo batismo nas águas (Rm. 6:2-7; Ef. 2: 1,5,6).

O que não é novo nascimento?

(1) Não é uma reforma – Quando se diz à pessoa comum que ela deve nascer de novo, o indivíduo pensa imediatamente que você está sugerindo que ele deve reformar-se, emendar seu comportamento ou virar uma nova página. O novo nascimento não é uma reforma. A reforma, na melhor das hipóteses, é de origem humana e apenas exterior em seu efeito. Ela não pode modificar o homem interior.

(2) Não é tornar-se religioso – Se você disser ao membro de igreja comum que deve nascer de novo para ver o reino de Deus, ele não fica perturbado. Sempre foi cristão. Pertence a uma determinada igreja e contribui regularmente para o seu sustento. Ele pode até ler a Bíblia todos os dias e fazer suas orações todas as noites. Procura tratar seu próximo como a si mesmo. De que mais precisa? O novo nascimento não é tornar-se religioso. Devemos lembrar-nos de que, ao falar sobre a necessidade do novo nascimento, Jesus conversava com um homem ultra-religioso, Nicodemos, um fariseu sincero e membro do conselho eclesiástico mais elevado de Israel, o Sinédrio. Se alguém pudesse alcançar o céu com base na sua religião, Nicodemos seria certamente um candidato!

(3) Não é uma mudança de coração – Embora esta expressão seja usada muitas vezes, ela não é bíblica. O novo nascimento não é a mudança de algo no homem, nem a remoção de algo do homem, mas a comunicação de algo no homem – algo que ele jamais possuiu antes. O novo nascimento é literalmente a doação da natureza divina ao coração e à vida do pecador, o que faz dele uma nova criatura. Isso acontece mediante uma união pessoal com Jesus Cristo (I Jo. 5:12; II Pe. 1:4). Quando nasci pela primeira vez, recebi de meus pais a sua natureza; quando nasci pela segunda vez, recebi a natureza de Deus. Nenhuma outra religião possui uma mensagem como esta. O cristianismo é a única religião que afirma tomar o homem decaído por natureza, e regenerá-lo ao dar-lhe a vida de Deus.

A necessidade do novo nascimento

“*Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo (do alto)*” (Jo. 3:7). Essas são as palavras de Jesus. Todavia, admiramo-nos e ficamos imaginando como é nascer de novo. Talvez a principal pergunta que permaneça em nossas mentes seja: “Por que alguém deve nascer do alto?” Esta é uma pergunta válida e exige uma resposta direta. Primeiro, porque o reino de Deus não pode ser visto sem ele. A regeneração não é um simples privilégio, mas uma necessidade absoluta. Jesus disse: “*Se alguém não nascer de novo, não pode entrar no reino de Deus*” (Jo. 3:3). Não se trata de Deus não permitir a entrada do homem não regenerado no reino de Deus, mas de uma absoluta impossibilidade (I Co. 2:14).

Segundo, por causa da natureza do primeiro nascimento do homem, um segundo nascimento é necessário. Todos nascemos de pais pecadores e somos, portanto, pecadores. Uma das leis indiscutíveis da natureza é que as espécies se reproduzem segundo a sua espécie. (Sl. 551:5; Jo. 3:6; Gl. 5:19-21; Rm. 8:7-9). Carne é carne, e não importa quão culta ou sequer quão religiosa ela possa tornar-se, não passa de carne. O reino de Deus é espiritual e somente seres espirituais podem herdá-lo. Jesus condenou aqueles que o rejeitaram e declarou: “*Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe aos desejos*” (Jo. 8:44). A única maneira pela qual Deus pode ser considerado Pai de toda humanidade é por ser seu Criador. Caso contrário, a não ser que o indivíduo nasça de novo na família de Deus, ele não pode reivindicar Deus como Pai. Não é possível juntar-se à companhia dos santos. Você precisa nascer nela. A carne e espírito são duas esferas completamente diversas, e não é possível a um pecador por natureza tornar-se filho de Deus. A vida espiritual necessária para que possamos tornar-nos filhos de Deus só é possível mediante o poder do Espírito Santo.

Terceiro, porque o homem não seria feliz no céu sem ele. O céu é um lugar, mas é também estado ou uma condição, e possivelmente ninguém poderia ser feliz na presença do Senhor e na companhia dos remidos a não ser que a sua natureza íntima estivesse em harmonia com Deus. Se a sua natureza não tiver sido transformada pelo poder de Deus, terá os mesmos desejos pecaminosos que possuía antes de chegar ao céu. A morte não operará uma transformação comparável à graça de Deus. Essa é a razão porque um verdadeiro teste da vida espiritual do indivíduo é: “*Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos*” (I Jo. 3:14).

Quarto, porque o homem sem o novo nascimento está morto. O homem natural está morto em seus delitos e pecados (Ef. 2:1). Não existe qualquer vida espiritual nele e a única maneira pela qual a vida pode ser recebida é pelo novo nascimento. A Bíblia fala que o indivíduo não regenerado está alheio à vida de Deus (Ef. 4:18). *“Porque o penhor da carne dá para a morte”* (Rm. 8:6). *“Tens nome de que vives, e estás morto”* (Ap. 3:1). *“A que se entrega aos prazeres, mesmo viva está morta”* (I Tm. 5:6). Qual a diferença entre quem é cristão e quem não é? A resposta é dada em uma única palavra – vida! Um tem vida espiritual enquanto o outro se acha absolutamente morto. Assim sendo, quando Jesus disse: *“Se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”*, Ele não estava estabelecendo um dogma teológico, nem um edito divino, mas simplesmente declarando um fato – “não pode ver o reino de Deus” (quanto mais entrar nele). Trata-se de uma impossibilidade absoluta. Sim, é preciso nascer de novo (Jo. 3:3).

Como o novo nascimento é recebido?

(a) Não é através do esforço humano. O homem não pode de maneira alguma, seja por qualquer virtude ou esforço próprio, colocar-se na posição de filiação divina. A vida eterna é um dom de Deus. (Tt.3:5; Ef.2:8-9; Jo.1:13). Embora seja certamente verdade que o novo nascimento é um dom de Deus, é importante compreendermos que existem certos meios e agentes envolvidos na experiência.

(b) O Espírito Santo é o agente. Jesus, em João 3:5-8, refere-se a sermos “nascidos do Espírito”. O Espírito Santo, entra no coração do crente, concede a vida de Deus capacitando-o assim a participar da natureza divina.

(c) A Palavra de Deus desempenha um papel vital. De fato, o Espírito Santo dá testemunho da Palavra ao realizar o novo nascimento. (Tg. 1:18; I Pe.1:23; Gn. 1:3,2).

(d) É um mistério divino. O novo nascimento em si está envolto em mistério. Trata-se de um milagre de Deus e não podemos entender exatamente como ele acontece. Também não podemos compreender o mistério do nascimento natural. Jesus disse a Nicodemos, com respeito justamente a esta pergunta: *“O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes*

donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo.3:8). Do mesmo modo, ninguém pode observar a regeneração da alma humana, mas podemos facilmente notar os resultados aparentes desta operação divina.

Como se realiza o novo nascimento?

Embora digamos que o homem nada pode fazer para regenerar-se, existe algo que devemos fazer para que a obra de regeneração de Deus opere em nossa vida. As duas experiências abaixo são necessárias:

(a) Crer na mensagem do evangelho. O pecador deve crer que a obra de Cristo na cruz é suficiente para a salvação. É preciso que haja uma revelação íntima entre as doutrinas da cruz e da regeneração. I Pedro 1:17-23 nos mostra que na base do “precioso sangue” de Cristo (v.19) é que “fostes regenerados” (nascer de novo) (v.23).

(b) Aceitar Jesus Cristo como salvador. A salvação é uma experiência intensamente pessoal. Ao colocar nossa fé em tudo o que Jesus é e fez por nós, nós o recebemos como o nosso salvador (Jo.1:12; Gl.3:26).

Os resultados do novo nascimento

(a) Ele torna o crente um filho de Deus, dando-lhe então o privilégio de chamar Deus de Pai (Mt.7:11; Rm.8:16-17).

(b) Ele faz do crente uma nova criatura e participante da natureza divina (II Co.5:17; II Pe.1:4). A sua atitude se transforma então inteiramente: ama os irmãos (II Jo.5:1; 3:14); ama agora a Deus de maneira nova e mais profunda (II Jo.4:19); e, tem um amor profundo pela Palavra de Deus (Sl.119:97; II Pe.2:2; Mt.5:44-45).

(c) Ele capacita o crente a uma vida de vitória sobre o pecado e o mundo (Ef.4:23-24; I Jo.2:29; 3:9). O tempo do verbo “não vive na prática” (*hamartian ou poiei*), usado em I João 3:9, torna claro que João está dizendo que o filho de Deus nascido de novo não pratica o pecado. Ele não faz do pecado um hábito em sua vida, porque possui em seu íntimo uma nova natureza.

EXERCÍCIO

Marque C ou E:

1. ___ Justificação é o ato de Deus pelo qual Ele declara justo aquele que crê em Jesus.
2. ___ Todos os homens necessitam da justificação de Deus.
3. ___ A justificação envolve o perdão e a emissão de pecados.
4. ___ A graça é a expressão do que Deus é.
5. ___ Regenerar-se é nascer de novo.
6. ___ O novo nascimento não é uma reforma.
7. ___ O novo nascimento é uma vivificação.
8. ___ O novo nascimento não é recebido através do esforço humano.

Doutrina da Salvação



CAPÍTULO 4



Aplicação da Salvação
Continuação

Adoção, Santificação e Certeza da Salvação

Vamos estudar a partir deste capítulo as três últimas aplicações da salvação: a adoção, a santificação e a certeza da salvação.

Adoção

A adoção, como doutrina, é uma fase da nossa salvação raramente enfatizada. Todavia, trata-se de uma grande verdade que todo o crente deveria compreender e dela apropriar-se. A palavra “adoção” é usada exclusivamente por Paulo em suas epístolas. Ela ocorre cinco vezes em seus escritos. Uma vez o termo é aplicado a Israel como nação: “*São israel-litas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legisla-ção, o culto e as promessas*” (Rm.9:4).

Em outra passagem, Paulo a emprega para referir-se à plena culminância de nossa experiência na segunda vinda do Senhor: “*Igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo*” (Rm.8:23). As outras três referências falam dela como um fato presente na vida do cristão: “*Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos*” (Gl.4:4-5). (Veja também os textos: Ef.1:5; Rm.8:15).

É importante compreender que a maneira pela qual Paulo usa a palavra adoção não tem virtualmente nada em comum com o uso feito

pela sociedade de hoje. Segundo o costume humano, a adoção é um meio pelo qual um estranho pode tornar-se membro de uma família. Mas isto não acontece na família de Deus.

A palavra “adoção” significa “colocar como filho”. O crente, depois de tornar-se o filho de Deus através do novo nascimento, é imediatamente promovido a uma posição de maturidade, sendo estabelecido como filho adulto, mediante este reconhecimento de adoção. Não há, desse modo, um período de infância na esfera da responsabilidade cristã. Deus dirige o mesmo apelo à santidade e ao serviço a todo cristão, sem levar em conta o tempo decorrido desde a sua salvação.

Adotar não significa fazer um filho, mas estabelecer um filho. A criança é estabelecida como filho, o menor como um adulto. Resumindo: na regeneração recebemos uma nova vida; na justificação, uma nova situação; e na adoção, uma nova posição. A adoção tem lugar no momento em que nascemos na família de Deus. Ela é simultânea com a regeneração e a justificação. Nos eternos conselhos de Deus, ela teve lugar quando nos escolheu nele antes da fundação do mundo (Ef.1:4-5). A plena compreensão e gozo da adoção será na hora da ressurreição de nossos corpos, quando o Senhor voltar para buscar os que lhe pertencem (Rm.8:23). Seremos então libertados das cadeias da mortalidade e teremos um corpo “igual ao corpo da sua glória” (Fp.3:20-21).

Resultados da adoção

(a) O testemunho do Espírito Santo. *“Para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, por que vós sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai”* (Gl.4:5-6). (Veja também: Rm.8:14, 16).

(b) Libertação do medo. *“Porque não recebestes o espírito de escravidão para viverdes outra vez atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção”* (Rm.8:15). Não mais seremos escravos da lei (Gl.3:24-25). O Espírito Santo, habitando em nosso espírito, torna a aceitação divina tão real que todo o medo desaparece.

(c) Herdeiros e co-herdeiros com Cristo. *“Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo: se com ele sofrermos, para que também com ele sejamos glorifica-*

dos” (Rm.8:17). A criança pode ser herdeira de seus pais, mas até que alcance a maioridade não recebe a herança. Ao torna-se maior, a herança passa a ser sua (Gl.4:1-7). Inúmeros filhos remidos do Senhor não compreendem a sua herança e agem como servos em lugar de filhos. O irmão mais velho queixou-se ao pai: *“Há tantos anos que te sirvo e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos... Então lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo o que é meu é teu”* (Lc.15:29-31). Vamos começar a gozar de nossa herança em Cristo Jesus desde agora!

Santificação

A doutrina da santificação é de grande importância porque está ligada à vida diária do cristão, sendo, portanto, uma consideração muito prática. Vários ensinamentos têm sido feitos sobre este título. É bom manter-se perto das instruções explícitas da Bíblia a fim de não adquirir noções falsas sobre este tema. Precisamos participar dos plenos benefícios ao nosso dispor através desta provisão. Vejamos o significado de santificação nos sentidos primário e secundário.

a) Sentido primário: significa dedicação, consagração ou separação para algum uso específico e santo. Santificação inclui tanto a “separação de” – que representa aquilo que está em Deus que o torna separado de tudo quanto seja terreno e humano; como também “dedicação a” alguma coisa – essa é a condição dos crentes ao serem separados e feitos participantes da natureza divina, e consagrados à comunhão e ao serviço de Deus por meio do mediador.

No Antigo Testamento, muitas coisas eram tidas como sendo santificadas. Por exemplo, uma casa (Lv.27:14,16); um campo (Lv. 27:16); os objetos do templo (II Cr. 29:19). Significa que foram separados para adoração ao Senhor. Não podiam ser utilizados para qualquer outro propósito. Eles foram simplesmente separados para o serviço do Senhor. É importante que todo cristão compreenda que é um utensílio escolhido, separado com um propósito muito especial para a glória de Deus. Neste sentido, ele já é santificado.

Jeremias foi santificado antes de nascer (Jr. 1:5). Isto não significa que ele foi tornado perfeito, mas que foi separado para o serviço de

Deus. Jesus foi santificado. João 10:36 fala daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo. “*E a favor deles eu me santifico a mim mesmo...*” (Jo.17:19), disse o Senhor. Jesus já era perfeito, mas estes versículos significam que Ele foi separado especialmente para o propósito de vir ao mundo e prover redenção para a humanidade. O termo popular grego para “igreja” é *ecclesia*, com o sentido de “os chamados de fora”. Cada membro da igreja é especialmente separado para dar glória a Deus. O indivíduo é santificado em Deus, neste sentido inicial da palavra.

b) Sentido secundário: significa limpeza e expurgo da corrupção moral. Embora o sentimento primordial de “santo” seja separação para serviço, inclui também idéias de purificação. O caráter de Jeová age sobre tudo que lhe é consagrado. Portanto, os homens consagrados a Deus participam de Sua natureza. As coisas que lhe são dedicadas devem ser limpas. Limpeza é uma condição de santidade, mas não a própria santidade, que é, como vimos, primeiramente separação e dedicação. A santificação é uma experiência progressiva. Ao contrário da justificação, que é um acontecimento único (não há progresso na justificação), a santificação é tanto uma crise como um processo. Em outras palavras: existe na justificação uma questão posicional, mas não um aspecto progressivo.

Podemos dizer que existem três elementos de tempo na santificação – três fases ou aspectos distintos. Os três aspectos da santificação:

a) Posicional. No momento em que a pessoa nasce de novo, diz-se que ela é santificada (I Co. 6:11; II Ts. 2:13). Esta é a santificação posicional. Nesse momento a santidade de Jesus é atribuída ao crente. Ele talvez não seja ainda santo em sua vida diária, mas a santidade de Jesus lhe é imputada, assim como a justiça de Jesus é imputada ao crente quando este é justificado. Jesus é feito em nós justiça e santificação.

Parece haver uma diferença entre justiça e santidade. Justiça é uma expressão legal e está ligada à retidão. Ela se aplica ao comportamento, ao que o indivíduo faz, enquanto santidade se associa ao caráter, ao que o homem é. Os crentes são chamados “santos” a partir do momento em que são salvos (I Co. 1:2). Os cristãos de Corinto não foram chamados para ser santos, eles eram santos. Quem ler a primeira epístola aos coríntios percebe muito bem que esta igreja estava longe de ser perfeita. Eram posicionalmente santos, tendo-lhes sido atribuída a santidade de Cristo. Todavia, não manifestavam absolutamente a santidade de Ele em sua vida

prática. A base desta santificação é o sacrifício de Jesus Cristo na cruz. *“Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas”* (Hb. 10:10).

b) Prático. Paulo fala dos cristãos em Tessalônica como tendo sido “santificados”: *“Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados pelo Senhor, por isso que Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade”* (II Ts. 2:13). Mas ele ora também por sua santificação: *“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”* (I Ts.5:23). Ele reconhece que esses cristãos foram santificados, no sentido da santidade de Cristo ter sido atribuída a eles, mas agora necessitavam de que esta santidade imputada se tornasse progressivamente uma parte prática de sua vida cristã diária. Assim sendo, a santificação é vista como um processo contínuo através da vida inteira do cristão. Não se trata de algo negativo. O homem não é considerado santo por causa das coisas que não faz. A virtude não pode ser julgada pelos vícios dos quais o indivíduo se abstém. É preciso haver uma conformação positiva à imagem de Cristo. Isto é considerado como um crescimento gradual na graça, e não para a graça (II Pe. 3:18; II Co. 3:18; Rm. 8:29; Fp. 1:6).

Não há promessa na Bíblia de que o cristão irá, nesta vida, chegar um dia ao ponto em que não peque mais. *“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”* (I Jo. 1:8). Alguns ensinam ser possível ter uma “experiência” de santificação que chamam de “segunda obra da graça”. Ela é descrita na seguinte citação: *“O coração é purificado, limpo e tornado santo. Ele é purgado da natureza pecaminosa inata e a partir desse momento a tentação só vem de fora, e não de um coração já santificado, porque não tem mais de lutar com a natureza carnal. Esta foi removida”*. Como isso seria maravilhoso se fosse verdade! A natureza carnal, a carne, jamais se torna santificada. *“O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito, é espírito”* (Jo.3:6). Deus jamais edifica sobre a velha natureza pecadora carnal. Ele sempre começa com algo novo. Jesus disse: *“Importa-vos nascer de novo”*. A carne jamais se torna espiritual. Não espere que isso aconteça. A carne não pode ser vencida pela destruição: ela sempre existirá enquanto vivermos neste corpo terreno. Não podemos também

vencê-la pela anulação. Alguns tentaram sinceramente obter vitória pelo poder de sua vontade e pela energia da carne. A vitória só pode ser alcançada através da identificação com Jesus. Paulo afirmou: *“Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim”* (Gl. 2:19-20).

Romanos 16:11 diz: *“Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus”*. Este é o ponto prático. Cada crente deve considerar-se morto para o pecado? Pode considerar que é assim por ser assim. *“Sabendo isto, que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu, justificado está do pecado”* (Rm.6:6).

Não existe ensino bíblico no sentido de que alguns cristãos morreram para o pecado e outros não. Todos os crentes morreram para o pecado no sacrifício de Jesus, mas nem todos reclamaram as riquezas concedidas a eles através desta morte. Não lhes é pedido que morram experimentalmente; são instados apenas a “considerar-se” mortos de fato para o pecado. Note o tempo do verbo: “foi crucificado com ele nosso velho homem”. Isto é considerar um fato consumado. Não nos esqueçamos de que a morte é seguida pela ressurreição: *“Porque se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição”* (v.5).

Que triunfo isto sugere? Agora a advertência final, prática, diária: *“Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade; mas ofereci-vos a Deus como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos da justiça”* (Rm. 6:12-13). Esta é uma santificação progressiva!

A passagem em I João 3:9 provocou inúmeros mal-entendidos: *“Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, pois é nascido de Deus”*. A questão é esclarecida quando notamos que os verbos aqui estão no tempo presente e o que João está dizendo é que aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado. Esse não é o

hábito de sua vida. Pecar é a prática comum do pecador, mas não a do cristão.

c) A santificação completa e final. A perfeição sem pecado e a santificação completa aguardam a vinda do Senhor Jesus. Nessa ocasião seremos libertados “do corpo desta carne”. (Fp. 3:20-21; I Ts. 3:13; I Jo. 3:2; II Pe. 3:18; II Co. 3:18).

Os meios da santificação

Como em tantas fases da experiência cristã, existe um lado divino e outro humano com respeito aos meios da santificação.

a) O lado divino – o Deus Trino

- O Pai. Jesus orou ao Pai pelos seus discípulos: *“Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”* (Jo. 17:17). O Pai imputa a santidade de Jesus aos crentes: *“Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção”* (I Co. 1:30). A perfeição do crente é com toda certeza uma obra importante do Pai. *“Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo sempre. Amém”* (Hb. 13:20-21). Algumas vezes o Pai acha necessário usar medidas disciplinares a fim de promover a santificação do cristão: *“Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai dos espíritos, e então viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade”* (Hb. 12:9-10).

- O Filho, o Senhor Jesus Cristo, ao verter seu precioso sangue. *“Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas”* (Hb. 10:10). *“Por isso foi também que Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da porta”* (Hb. 13:12).

- O Espírito Santo: *“...uma vez santificada pelo Espírito Santo..”* (Rm. 15:16). O poder interior (natureza de Deus) e a unção do

Espírito Santo são os maiores agentes para nos dar a vitória sobre a carne (Rm. 8:13; Gl. 5:17). As obras da carne são enumeradas em Gálatas 5:19-21. Mas, nos versículos 22 e 23 as características do fruto do Espírito são descritas. Quantos descobriram que ao receberem a plenitude do Espírito as coisas do mundo e da carne simplesmente se afastaram! Acontece o que é chamado de “poder expulsivo de um novo afeto”. Quando o Espírito Santo enche o coração, há pouco prazer naquilo que desagrada ao Senhor (Gl. 5:16).

b) O lado humano – É absolutamente verdade que Deus é aquele que santifica o crente. Ninguém pode fazer isto por si mesmo. O que pode o homem fazer para santificar-se, limpar-se e purificar-se? Ao empregar os meios que Deus colocou à sua disposição, ele pode aproveitar-se do ministério purificador e santificador de Deus em seu benefício. Quais são estes meios de que ele pode dispor?

- A fé – *“...a fim de que recebam eles a remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim”* (At. 26:18). É pela fé que o crente se apropria do sangue santificador de Cristo.

- Obediência à palavra - A Palavra de Deus é tida como sendo um grande meio de santificação: *“Vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado”* (Jo. 17:17). Andar na luz é andar de acordo com a Palavra de Deus (Sl. 119:105). A única maneira pela qual a Palavra de Deus pode ser um agente purificador em nossas vidas é através da obediência.

- Rendição ao Espírito Santo - O Espírito Santo jamais faz coação sobre quem quer que seja. É necessário que haja uma entrega e uma rendição de nossos membros à sua unção. *“Quando vier, porém, o Espírito da verdade, Ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas que hão de vir”* (Jo. 16:13).

- Compromisso pessoal - Na experiência inicial da santificação, que tem lugar na conversão, Deus separa o crente como um vaso escolhido para seu uso e glória. Mas chega uma hora na vida de todo seguidor sincero do Senhor Jesus Cristo em que ele, mediante um ato de profundo compromisso pessoal, se separa para qualquer serviço que Deus queira que faça. Nessa ocasião, ele se afasta das coisas do mundo e da carne, e se dedica à vontade perfeita de Deus para a vida. O indivíduo primeiro reconheceu Jesus Cristo como seu Salvador, mas agora ele o coroa como

Rei e Senhor da sua vida. Este é um ato real de santificação (Rm. 12:12).

A rendição da vida em definitivo a Deus constitui a suprema condição para a santificação prática. Isto envolve a entrega de todos os nossos membros à vontade dele (Rm. 6:13; 6:19) (2 Tm. 2:21). Quantas vezes oramos: “Senhor, purifique-me”. Talvez, se prestássemos atenção, nós o ouviríamos dizer: “Purifique-se a si mesmo!” Há muito que podemos fazer para manter nossos pés longe dos caminhos que nos levariam ao pecado, e nossos olhos distantes daquilo que traria tentação. Podemos ler e estudar a Palavra de Deus, orar e buscar Sua face, mantendo-nos na companhia dos irmãos na fé.

Certeza da Salvação

A maior necessidade na vida é crer no Senhor Jesus Cristo e encontrar a vida eterna: *“E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”* (At. 4:12). *“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”* (Jo. 14:6). É igualmente importante que, quando o indivíduo passa a crer, ele tenha uma segurança real e permanente de ter recebido a vida eterna. Muitos estão cheios de dúvidas quanto à sua posição diante de Deus. Acham que estão salvos, mas lhes falta uma certeza positiva. Outros têm medo de ser positivos demais quanto ao assunto, temendo talvez abusar da graça de Deus. Como resultado, sua vida cristã é vazia e carece da realidade da verdadeira comunhão com Deus através de Jesus Cristo.

Razões para a falta de segurança

a) A busca de segurança através da observância da lei e através de suas próprias obras. A salvação é obtida somente pela graça (Ef. 2:8,9). Seja na experiência inicial ou na esfera da segurança, devemos sempre desviar os olhos do “eu” e fixá-los em Cristo, no que Ele realizou por nós no calvário. O evangelho não é uma questão do que fazemos, mas do que Cristo fez.

b) Não nasceram de novo. Substituíram uma vida com Deus por uma cerimônia religiosa. Quantos se unem à igreja sem ter experimentado o milagre da graça em seus corações, através do Espírito Santo? Ou-

tros perceberam a loucura de seu comportamento pecaminoso e decidiram ter um estilo de vida diferente. Eles se aperfeiçoaram muito moralmente, mas não tiveram um novo nascimento que leva a uma certeza positiva e duradoura de uma posição espiritual.

c) Não enfrentaram a questão do pecado em suas vidas e não trataram dela. Um grande número de pessoas procuram a salvação apenas como um alívio para a tristeza, o desapontamento ou a frustração. O que precisa ser tratado, no entanto, é a culpa da alma que transgrediu as leis de Deus. O homem precisa reconciliar-se com Deus e Jesus veio para realizar essa reconciliação.

d) Falta de fé no que Deus diz e na Sua Palavra. Alguns ficam com medo de confiar na promessa de Deus. Olham para dentro de si mesmos a fim de descobrir se sentem que estão salvos, em vez de ler a Palavra de Deus e de ter uma dedicação positiva nesse sentido. Examinam sua conduta. Se o comportamento for correto, sentem-se seguros, mas, se encontram falhas, sua certeza se vai.

e) Pensar que é impossível ter uma absoluta segurança da salvação nesta vida. Alguns dizem que não se pode saber até o dia do juízo. Graças a Deus, esta espera não é necessária. O julgamento do pecado já passou quando aceitamos Jesus como salvador (Jo. 5:24).

Razões positivas da certeza

a) Pelo testemunho do Espírito. Quando o pecador nasce de novo, é testificado em seu coração que algo definitivo aconteceu entre ele e Deus (I Jo. 5:10; Rm. 8:16; Gl. 4:6). Não é fácil colocar em palavras exatas como este testemunho acontece no espírito e não na carne.

b) Pelo testemunho da Palavra de Deus. Em João 3:36 lemos: *“Por isso quem crê no Filho tem a vida eterna”*. Se você crê no Filho, tem a vida eterna. O Pai o diz. Afinal de contas, a salvação é de Deus e vem dEle. Romanos 10:9,10 diz: *“Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, será salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação”*. Existem duas exigências: é preciso haver uma confissão externa da fé que habita no coração e também implica na entrega àquele em quem cremos.

c) Por sentir amor pelos irmãos. Se alguém ama os filhos de Deus, essa é uma verdadeira prova de que Deus operou uma obra da graça em seu coração (I Jo. 3:11-14). A verdade é que se temos esse amor, isso prova que estamos em comunhão com o Pai (I Jo. 4: 7,8).

d) Pelo desejo de obedecer aos mandamentos de Deus (I Jo. 2:3-5). Se guardarmos os “seus mandamentos”, a “sua palavra”, sabemos que o conhecemos: o amor de Deus será aperfeiçoado em nós.

e) A transformação da vida e dos desejos (II Co. 5:17). Não podemos ver o Espírito Santo realizando sua obra prodigiosa de regeneração, mas podemos ver o seu resultado e sabemos que a salvação veio para a transformação gloriosa da vida e dos desejos.

Indicações da Salvação

a) Arrependimento: há um afastamento real do pecado (I Jo. 2: 29).

b) Paz: a alma remida pode esperar uma paz profunda após a experiência da salvação (Rm. 5:1). Desde que o pecado faz separação e o homem fica afastado de Deus, ele não pode esperar uma paz real e duradoura em sua alma, enquanto não aceitar a Jesus (Is. 57:20-21; Fp. 4:7).

c) Poder: há um novo poder para resistir e vencer o pecado. Quando a culpa e a condenação do pecado se vão, a sujeição aos hábitos do pecado também desaparece, e no seu lugar se instala um novo poder e alegria na justiça.

d) Remoção do medo e da morte. O medo da morte será completamente removido, e uma expectativa de ver o salvador glorioso ocupará o seu lugar (II Co. 5:1-4).

O que esta segurança significa para o cristão?

Essa segurança, primeiro estabilizará toda a sua experiência cristã. Um conhecimento positivo e a certeza da salvação estabilizarão o cristão ao ser tentado. Sem uma certeza estabelecida, a bênção da vida cristã vacilará diante de cada circunstância temporária, mas o conhecimento seguro de uma comunhão eterna com Deus servirá de âncora segura e firme para tudo. (Hb. 6:17-20).

Segundo, irá capacitar o crente a gozar de uma vida de oração positiva, dando-lhe a fé que se apropriará das promessas de Deus. A oração

que consegue as coisas no reino é baseada na comunhão com Deus.

Terceiro, concederá poder sobre Satanás. Se o cristão insistir que sua vida está “oculta com Cristo em Deus” e recusar-se firmemente a enfrentar o tentador em separado de sua relação com o Poderoso Conquistador, o diabo será um inimigo derrotado.

Em quarto, dará poder ao seu testemunho e à sua influência sobre outros. Os homens querem um Cristo que satisfaça às suas necessidades, que possa revelar-se e tornar conhecida a sua presença na vida deles, um Cristo que possa salvar e fazer com que o indivíduo saiba que foi remido.




A igreja hoje precisa da ação conjunta de homens e mulheres dedicados a Deus, que conhecem a sua posição, que não temem avançar para Deus. Quem sabe quantos, num mundo de pecado estão apenas esperando por esse chamado sincero e urgente, por parte daqueles que sabem que a salvação é real, para fazê-los abandonar as fileiras do pecado e entregar-se a Jesus Cristo? O primeiro fato essencial e insubstituível que deve soar em cada coração com segurança indiscutível é este – você deve saber que nasceu de novo. Tudo o mais brota deste conhecimento glorioso!

EXERCÍCIO

Marque C ou E:

1. ___ Adoção significa colocar como filho.
2. ___ Um dos resultados da adoção é a libertação do medo.
3. ___ Santificação no sentido primário é dedicação, consagração e separação.
4. ___ No sentido secundário é limpeza e expurgo da corrupção moral.
5. ___ Três aspectos da santificação: posicional, prático e final.
6. ___ Deus é aquele que santifica o crente.
7. ___ Uma das razões da falta de certeza da salvação é a falta de fé em Deus e na Sua palavra.
8. ___ Uma das indicações da salvação é o arrependimento genuíno.

BIBLIOGRAFIA

-  Conhecendo as Doutrinas da Bíblia. Myer Pearlman. Editora Vida.
-  Doutrina da Salvação. EETAD.
-  Fundamentos da Teologia pentecostal. Guy P. Duffield, Nathaniel M. Van Cleave. Volume I. Editora Quadrangular.

GABARITO DOS EXERCÍCIOS

	lição 1	lição 2	lição 3	lição 4
1	C	C	C	C
2	C	C	C	C
3	C	C	C	C
4	C	C	C	C
5	C	C	C	C
6	C	E	C	C
7	C	C	C	C
8	C	C	C	C

**Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de
Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Programa Curricular

LIVRO 1	Doutrina da Salvação
LIVRO 2	Pentateuco
LIVRO 3	Louvor e Adoração
LIVRO 4	Os Evangelhos
LIVRO 5	Livro de Atos
LIVRO 6	História da Igreja
LIVRO 7	Família Cristã
LIVRO 8	Epístolas aos Hebreus
LIVRO 9	Cura e Libertação
LIVRO 10	Aconselhamento Cristão
LIVRO 11	Oração Intercessória
LIVRO 12	Epístolas Paulinas 1
LIVRO 13	Epístolas Paulinas 2
LIVRO 14	Epístolas Paulinas 3
LIVRO 15	Homilética
LIVRO 16	Espírito Santo
LIVRO 17	Cristologia
LIVRO 18	Princípios da Hermenêutica
LIVRO 19	Escatologia Bíblica
LIVRO 20	As Epístolas Gerais
LIVRO 21	Criação e o Mundo Espiritual
LIVRO 22	História de Israel
LIVRO 23	Seitas e Heresias
LIVRO 24	Profetas Maiores
LIVRO 25	Profetas Menores
LIVRO 26	Batalha Espiritual
LIVRO 27	Discipulado Prático